

A ERA VARGAS E SUA INFLUÊNCIA EM SANTA MARIA (1951-1954)

*Lenir Cassel Agostini**

*E*m sua campanha eleitoral, Vargas percorreu o país levando propostas básicas como a industrialização, num momento em que a indústria, centrada na substituição de importações de bens não duráveis, encontrava-se no seu limite, necessitando enfrentar manifestações reivindicatórias e atender esperanças da burguesia e do operariado.

Santa Maria, centro ferroviário, militar, educacional e operário do Rio Grande do Sul, insere-se na trajetória da campanha política getulista. Vargas faz seu discurso em um comício na Avenida Rio Branco, tendo a sacada do antigo Hotel Jantzen como palanque oficial. O público encontrava-se em todas as adjacências, constituindo-se o fato em um dos eventos políticos com maior presença popular na época.

Com efeito, durante essa fase varguista, foi efetiva a participação da comunidade santa-mariense nas discussões políticas nacionais.

* Professora do Curso de História do Centro Universitário Franciscano.

Os anos 50 encontram o Brasil inserido no contexto capitalista e de expansão urbana, com a emergência de uma burguesia ligada ao processo industrial e financeiro, de camadas médias e proletariado urbano. Getúlio Vargas é legitimado nas eleições presidenciais de 1950, pela coligação PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e PSP (Partido Social Progressista), este dirigido por Adhemar de Barros. Também recebeu apoio do PSD (Partido Social Democrático) representado por Juscelino Kubitschek, candidato ao governo de Minas Gerais, que em contrapartida, recebeu o apoio de Vargas em sua candidatura ao governo mineiro. Em sua campanha eleitoral, Vargas percorreu o país levando propostas básicas como a industrialização, num momento em que a indústria, centrada na substituição de importações de bens não duráveis, encontrava-se no seu limite, necessitando enfrentar manifestações reivindicatórias e atender esperanças da burguesia e do operariado.

Santa Maria, centro ferroviário, militar, educacional e operário do Rio Grande do Sul, insere-se na trajetória da campanha política getulista. Vargas faz seu discurso em um comício na Avenida Rio Branco, tendo a sacada do antigo Hotel Jantzen como palanque oficial. O público encontrava-se em todas as adjacências, constituindo-se o fato em um dos eventos políticos com maior presença popular na época. Esta presença maciça de público demonstra o reduto getulista em Santa Maria, visto que as casas comerciais fecharam suas portas para que todos pudessem participar não somente do comício, mas também da passagem de Vargas, em carro aberto pelo centro da cidade.

Para atender aos desafios, Vargas necessitava de um planejamento para o desenvolvimento econômico de uma energia e ação política para promover a urbanização e a inserção dos trabalhadores numa sociedade moderna. Para esta inserção Getúlio usou a política populista de cooptação da classe trabalhadora.

Formou-se, então, um ministério pluripartidário, com o PSD (ministério da fazenda, educação e saúde, relações externas e justiça), UDN (União Democrática Nacional – ministério da agricultura), PTB (ministério do Trabalho) e PSP (a pasta da Viação e Obras Públicas). A preocupação maior era obter capital para caracterizar a sua política de progresso econômico, no momento em que carecíamos de energia, sobretudo de petróleo, demonstrando a necessidade de consolidar a indústria de base, para a produção de bens de capital. Entendia-se essa modernização como a via para quebrar a subordinação aos interesses estrangeiros, a dependência.

A política nacionalista de desenvolvimento capitalista era apoiada por uma combinação de empresas industriais, estatais e privadas.¹ Já no Congresso Nacional, localizavam-se interesses políticos; através da aliança PSD/PTB eram encaminhadas as pressões populares e mesmo a classe proprietária de terras articulava suas pretensões no parlamento.

Em Santa Maria, percebe-se a preocupação no Legislativo (de maioria trabalhista, favorável às propostas governistas) quanto à projeção dos acontecimentos nacionais, regionais e locais, uma vez que em todos os níveis de representação do PTB havia oposição de vereadores que apresentavam um discurso liberal, defensor da internacionalização da economia. Desenhava-se um embate local entre nacionalistas e os chamados “entreguistas”, isto é, aqueles que defendiam o desenvolvimento com a internacionalização da economia.

Evidencia-se também, nessas discussões, uma questão nacional, que era a energia necessária para a chamada modernização, questão já debatida no governo estadual desde Walter Jobim (PSD) e, no momento, por Ernesto Dornelles (PTB), cuja política direcionava-se para a contenção do êxodo rural. No universo santa-mariense era precário o abastecimento de energia, sendo que representantes do PSB (Partido Socialista Brasileiro – partido que escondia elementos de ideologia comunista, pois o PCB era ilegal) dirigiam-se à Presidência da República para revogar aumentos na taxa de energia elétrica em função do fornecimento precário, com quedas e racionamentos.

Quanto à política pendular de Vargas, internamente, a retórica getulista ora privilegiava uma postura nacionalista, por exemplo, condenando a remessa de lucros para o exterior, ora usava um planejamento de política econômica que não rompia com o capitalismo internacional, pois necessitava de recursos externos que deveriam ser obtidos através do comércio, empréstimos e transferência de tecnologia. Como esclarece Vizontini, tratava-se de reativar um alinhamento negociado com a potência hegemônica, os Estados Unidos, barganhar o apoio a Washington no plano estratégico, em troca de cooperação econômica e auxílio ao desenvolvimento brasileiro².

Esta posição varguista, entretanto, resulta em apoio, oposição e tensões no âmbito interno, onde diferentes posicionamentos se convertiam em

¹ DREIFUSS, René Armand. *A Conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. Rio de Janeiro : Vozes, 1987, p. 32.

² VIZENTINI, Paulo. *Relações Internacionais e Desenvolvimento*. Rio de Janeiro : Vozes, 1995, p. 63.

calorosos debates nacionais em que a classe média se identificava com as idéias nacionalistas, pois entendia ser beneficiada através da viabilidade de novos cargos, mas com liberdade na política interna, enquanto o operariado colocava suas esperanças de justiça social neste discurso, fazendo com que os conservadores temessem mudanças sociais. Além da preocupação de modernidade, com capital nacional ou estrangeiro, estava também o medo da burguesia pela reivindicação popular incentivada pelo discurso varguista.

Os reflexos desta política repercutiam na Câmara de Vereadores de Santa Maria, onde aconteciam inflamados discursos favoráveis à entrada do capital estrangeiro, enquanto grupos nacionalistas, principalmente trabalhistas e socialistas, defendiam a nacionalização da economia, entendida como a predominância do capital nacional.

Paralelamente, jornais colocaram editoriais discutindo questões pertinentes ao momento político. Como exemplo, temos a discussão da criação da Petrobrás, quando Vargas, diferindo da posição de Dutra, o qual entendia que a indústria do petróleo deveria ser formada com capital privado e internacional, apresentava uma posição nacionalista com a criação de uma empresa de economia mista com a participação do Estado, sem o capital estrangeiro. Esta postura levantou o Brasil inteiro em discussão, evidenciando o duelo entre os nacionalistas e os chamados “entreguistas”. É a campanha do “petróleo é nosso”, que vai ter seu desfecho com a criação da Petrobrás, com monopólio estatal, porém aberto à comercialização, que já era realizada por empresas estrangeiras.

Os edis santa-marienses posicionaram-se destacando as lideranças do PSB que defendiam a estatização da Petrobrás, representantes do PRP (Partido de Representação Popular, integralistas) que defendiam a exploração de capital misto, mas a maioria das ações deveria permanecer com o Estado. Já o PTB e os comunistas (na clandestinidade agrupavam-se no PSB) eram os principais defensores da proposta nacionalista.

Em editorial do jornal *A Razão* encontra-se uma contestação ao discurso do Senador gaúcho Alberto Pasqualini, que defendia a estatização da empresa petrolífera. O editorial mostrava aos leitores a importância da exploração por livre iniciativa, com capital limitado por acionista. Desprestigiava o Estado como administrador, demonstrando uma posição liberal.³

No cenário internacional houve reação norte-americana, porém, os Estados Unidos forneceram os equipamentos destinados à instalação

³ *A Razão*. 17 de maio de 1952.

de refinarias e exploração do petróleo. Frente às intenções nacionalistas do governo brasileiro, os Estados Unidos dificultam as possibilidades de cooperação econômica com o Brasil, pois atacavam o ponto nevrálgico da estratégia varguista que defendia desenvolvimento econômico com autonomia. Entretanto, fazendo uso de sua característica pragmática, Vargas assina com os Estados Unidos um acordo militar, mas não envia tropas para a Coréia. Por outro lado, as areias monásticas brasileiras eram exportadas para os Estados Unidos sem compensações, sem prover a tecnologia necessária ao programa nuclear brasileiro. Demonstrem-se, assim, os paradoxos da política varguista. Em 1953, com a vitória do partido republicano de Eisenhower, as negociações tornaram-se mais complicadas, pois os Estados Unidos unilateralmente cancelaram as atividades da comissão mista Brasil-Estados Unidos e uniam-se aos opositores internos, ao modelo que defendia uma autonomia na política externa e manipulava as massas, através de comícios, discursos públicos e programas de rádio, as quais eram usadas como base para a proposta de desenvolvimento econômico.

Para amenizar a crise interna (1953), são convidados Oswaldo Aranha e João Goulart, para ocuparem, respectivamente, a pasta da Fazenda e a pasta do Trabalho. Na época, Goulart era presidente do PTB e bem aceito nos sindicatos. Aranha, simpatizante do modelo associado, demonstra em pronunciamento que devem prevalecer os interesses nacionais. Compreende-se uma política de compensações.

Com relação à nomeação de Jango, percebe-se que Getúlio tentava aproximar mais a classe operária de seus propósitos, descontente com o aumento dos preços e a estabilidade de seus salários. Nessa totalidade, é assinado um decreto que limitava as empresas estrangeiras a remeter para suas matrizes apenas 10% dos lucros obtidos. Esta ação veio acirrar externamente a insatisfação dos Estados Unidos com o aumento do preço do café, a posição nacionalista, as reivindicações salariais. Internamente, a oposição da imprensa, das forças armadas, dos chamados “entreguistas”, do empresariado.

Além disto, Jango adota uma posição favorável aos trabalhadores com o aumento de 100% no salário mínimo, o que levou a sua substituição pela pressão dos militares, que lançaram “o Memorial dos Coronéis”, demonstrando descontentamento com seus baixos salários. Porém, Getúlio aumenta o salário em 100%, alarmando a classe burguesa. O apogeu neste processo encontra-se na denúncia do ex-Ministro das Relações Exteriores João Neves da Fontoura a respeito de um acordo secreto do chamado Pacto ABC entre Argentina, Brasil e Chile, com o objetivo de formar um

bloco regional, autônomo, contrariando os interesses norte-americanos.

Dreifuss comenta o aumento da polarização política e ideológica dos assuntos nacionalistas e trabalhistas, a crescente oposição dos militares anti-getulistas, fortemente apoiadas por empresários e pelo governo americano.⁴

Nesta conjuntura acontece o “crime da rua Toneleiros”, causando grande impacto político, permitindo, segundo Vizentini, “a articulação dos grupos conservadores e pró-americanos para o ataque final a Vargas que, não aceitando renunciar suicida-se, levando às ruas multidões, mostrando discursos favoráveis a seu governo e surpreendendo até mesmo as oposições”.⁵

Nestes momentos de efervescência política os meios de comunicação santa-marienses divulgavam as questões locais e nacionais, trazendo reflexões sobre o grave momento político, fazendo com que a comunidade discutisse e se posicionasse sobre os caminhos a serem seguidos, pois a cidade era constituída em grande parte por trabalhadores, que sentiam suas conquistas ameaçadas. Além disso, a representação santa-mariense era formada não só pela elite, mas, principalmente, pelas lideranças sindicais, que acirravam as discussões dos problemas municipais, regionais e nacionais. Nesse momento, um forte movimento operário publica no jornal *A Razão* seguinte manifesto:

Busquem, os responsáveis pelo destino do Rio Grande, as causas do dismantelo da viação férrea e terão que infalivelmente, absolver os heróicos trabalhadores ferroviários, que vêem, também, nesta época de dura carestia e de vertiginosa alta do custo de vida, dolorosamente, se perder 30% da produção, especialmente, por falta de transporte.⁶

Podemos perceber, neste breve resgate histórico, que a participação da comunidade santa-mariense nas discussões políticas nacionais, durante esta fase varguista, marcou a presença de um influente reduto trabalhista local, associado a lideranças oposicionistas. Um legislativo de maioria trabalhista e uma imprensa formadora de opinião provaram ser atuantes, na busca de soluções para inúmeros problemas de uma pequena sociedade em vias de urbanização, problemas que se desencadearam em função da política nacional em crise.

⁴ DREIFUSS, René Armand. *Op. cit.* p. 31.

⁵ VIZENTINI, Paulo. *Op. cit.*

⁶ Manifesto dos ferroviários ao povo do Rio Grande. Jornal *A Razão*. 11 de agosto de 1954.